

REVISTA
DA FACULDADE
DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

N. 16 2005

A GUERRA

Edições Colibri

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

**GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO:
DE ESTRABÃO À(S) GUERRA(S) DO IRAQUE**

*Regina Salvador
Bruno Pereira Marques*

“Of all resources (...) none is more likely to provoke conflict between states in the 21st century than oil. Petroleum stands out from other materials (...) because of its pivotal role in the global economy and its capacity to ignite large-scale combat. No highly industrialized society can survive at present without substantial supplies of oil (...).”

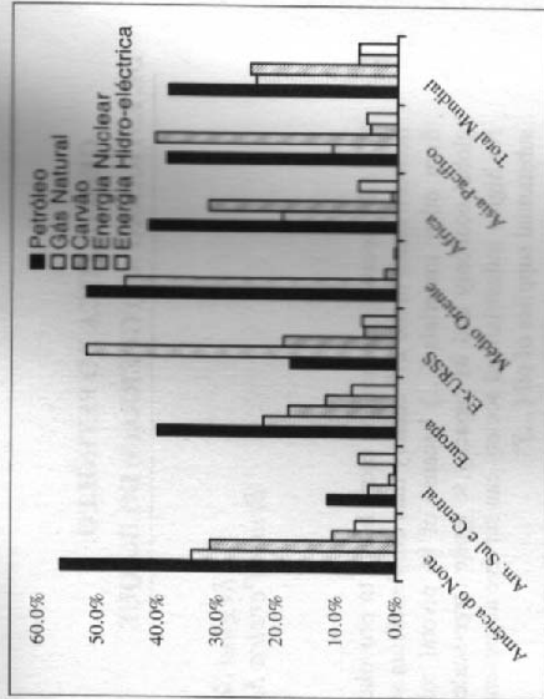
(KLARE, 2001a: 27)

As actuais necessidades energéticas da economia mundial são satisfeitas maioritariamente pelo uso de energias não renováveis. Mais precisamente, 90% da energia consumida a nível mundial vem do consumo de combustíveis fósseis¹ (ver Gráfico 1). Os três principais combustíveis fósseis são o petróleo, o carvão e o gás natural. Estes combustíveis são as principais fontes de energia, tanto nos países industrializados, como nos países em vias de industrialização, nomeadamente no sector dos transportes rodoviários.

Embora os países desenvolvidos do Norte tenham apenas 20% da população mundial, consomem a esmagadora maioria da energia a nível global (Gráfico 2). Apesar deste maior consumo, os países do Norte têm cada

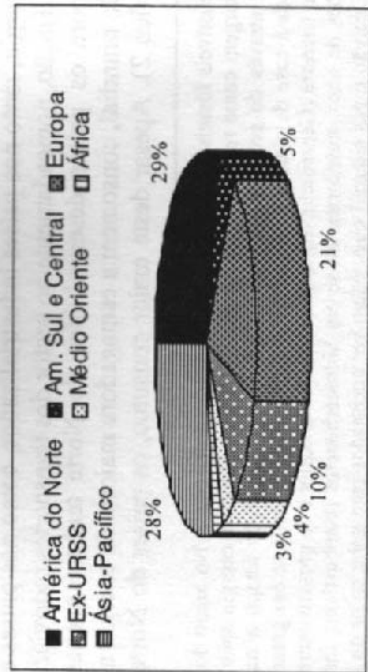
¹ Os combustíveis fósseis são formas de energia solar armazenada. No início do processo, as plantas surgem como receptores de energia solar, convertendo a energia solar, em energia química, através do processo da fotossíntese. Com o passar do tempo a matéria morta, constituída à base de plantas e/ou animais decompostos, deposita-se em grandes depósitos na Crusta terrestre (Geossinclinais), como resultado do calor e da pressão exercida ao longo de milhões de anos, transformaram-se em hidrocarbonetos (combustíveis fósseis como o petróleo, carvão e gás natural) que podem ser queimados para gerar calor ou outro tipo de energia (eléctrica, mecânica, etc.). (FIK, 2000: 210)

Gráfico 1: Consumos mundiais por tipo de energia



Fonte: BP

Gráfico 2: Consumo Energético por Grandes Regiões Mundiais em 2001



Fonte: BP

vez maior consciência da necessidade de conservar os recursos energéticos, em especial desde os “choques petrolíferos” de 1973 e 1979. Os países em industrialização do Sul (nomeadamente “gigantes” como a China ou Índia) tendem a ser utilizadores menos eficazes a nível energético.²

De entre os combustíveis fósseis, o petróleo assumiu um papel importantíssimo durante todo o século XX. De facto, várias são as vantagens do petróleo como combustível ou como matéria-prima face a outros produtos. Desde logo o seu rendimento calorífico-energético por unidade de volume é superior ao dos restantes combustíveis fósseis; por outro lado o facto de ser um fluido viscoso facilita o seu transporte por *pipelines*, em especial face ao carvão. Mas o mais significativo será o facto de o petróleo, depois de refinado, dar origem a numerosos subprodutos como o fuel, a gasolina, o gasóleo, a benzina, lubrificantes, vários tipos de plástico, sendo mesmo usado em fibras têxteis, detergentes ou medicamentos.

Estrabão, um dos primeiros geógrafos, já fazia referência a um “estranho líquido negro” que os babilónios usavam nas lâmparinas para a iluminação. Também Plínio o Velho afirmava que esse “líquido negro” tinha “poderes milagrosos”, nomeadamente a cura do reumatismo, da asma e da epilepsia. Este líquido também fez parte do “fogo grego”, a arma que permitiu salvar Bizâncio das invasões turcas.

Contudo, teríamos que esperar até meados do século XIX para o petróleo ser “redescoberto” e ganhar a importância que tem hoje. De facto, data de 1859 o primeiro poço de petróleo explorado nos EUA, mais concretamente no sul da Pensilvânia.³

Durante cerca de 30 anos, o *boom* petrolífero baseou-se fundamentalmente na iluminação. No início do século XX, o desenvolvimento do motor de explosão dá ao petróleo a aceleração decisiva. Rapidamente o motor Diesel assegura a propulsão dos grandes navios transatlânticos. O mercado de hidrocarbonetos conhece então uma formidável expansão.

Em 1870, surge a *Standard Oil* criada pelo “protótipo” do “*self-made man*”, John Rockefeller.⁴ Segundo a “lenda”, Rockefeller depois de começar a trabalhar aos 6 anos, investiu os seus primeiros rendimentos na compra de uma refinaria. A partir desse momento, Rockefeller passou a comprar novas refinarias e poços de petróleo. Em 1890, a *Standard Oil*, possuía 39 refinarias de petróleo nos EUA, 100.000 empregados, 6500 km de *pipelines* e 20.000 poços de petróleo espalhados pelo globo, o que representava cerca de

² Neste sentido, ver FIK (2000: 211).

³ Sobre a história do petróleo e o início da sua importância a nível mundial, ver MILZA (2003: 36).

⁴ Para ter uma noção da vida de Rockefeller e da sua importância na história do petróleo, ver NDIAYE (2003).

90% da capacidade mundial de perfuração, refinação e distribuição, por outras palavras, constituía um verdadeiro **Monopólio**.

A estratégia de Rockefeller não passou tanto pela integração horizontal, isto é, o controlo de todas as empresas de um mesmo sector (por exemplo, a refinação), mas pela integração vertical, ou seja, o controlo de empresas responsáveis pelas várias fases da exploração do petróleo (perfuração, refinação e distribuição).

Em 1911, o Supremo Tribunal dos EUA, baseado na lei *Sherman*, ordenou o desmantelamento do *Trust* em 34 companhias independentes. Entre estas “novas empresas” destacam-se a *Standard Oil of New Jersey* (actual *Exxon*), a *Standard Oil of New York* (actual *Mobil*) e a *Standard Oil of California* (actual *Chevron*). De facto, como teremos oportunidade de ver, estas 3 companhias fizeram parte do cartel das “sete irmãs”, a segunda tentativa em menos de um século de formar um monopólio no mercado mundial do petróleo.

Ainda no século XIX, vamos assistir pela primeira vez, a uma guerra pelo controlo das reservas de petróleo. Referimo-nos ao “*Great Game*” que opôs a Inglaterra imperial à Rússia Czarista pelo controlo da Ásia Central.⁵ De facto, depois do Médio Oriente, a Ásia Central é a área com maiores reservas de petróleo a nível mundial.

Deste conflito, resultaram novas fronteiras que ainda hoje marcam o panorama geopolítico e geoestratégico mundial. Foi nesta altura que o Afeganistão surgiu como um “Estado-Tampão” entre o Império da Rússia, a norte, e os territórios britânicos a este (Índia Britânica) e a oeste (Pérsia).

Durante a I Guerra Mundial surgiu o primeiro conflito sobre o petróleo do Médio Oriente. De facto, esquecendo o “romantismo” por detrás da história de “Lawrence da Arábia”, percebemos que o interesse britânico (e franceses) consistia em “expoliar” o Império Otomano (e por arrastamento os “Impérios Centrais” da Alemanha e da Áustria-Hungria) das reservas de petróleo do Médio Oriente.

Neste sentido, não foi grande surpresa a criação, no pós-guerra, de protetorados franceses (Síria e Líbano) e britânicos (Palestina, Transjordânia, Iraque, etc.) no Médio Oriente e não uma efectiva independência desses países.

O ponto de viragem da II Guerra Mundial ocorreu em 1943 e foi marcado pela derrota da Alemanha em duas batalhas relacionadas com o controlo das regiões petrolíferas: El Alamein, no caso do Norte de África e Médio Oriente e Estalingrado, no caso da Ásia Central.⁶

Por outro lado, em 1945, a nova “super-potência” (EUA), compreendeu que, embora o lançamento das bombas atómicas tivesse posto um ponto final na guerra, tinha sido o petróleo que moveu as forças terrestres, aéreas e

navais que derrotaram a Alemanha e o Japão. A partir daí, assumiu plenamente que o acesso a grandes quantidades de petróleo era crítico para o sucesso dos EUA em qualquer conflito futuro.

Durante a maior parte do século XX, o sistema internacional do petróleo foi controlado por um cartel petrolífero. Até 1973, esse cartel foi constituído por uma oligarquia de companhias petrolíferas mundiais, as “sete irmãs” que dominavam a tecnologia da exploração e da refinação⁷.

As “sete irmãs” formaram *joint ventures* para a exploração de campos petrolíferos estrangeiros, até que, durante os anos 1920, concordaram em dividir fontes de abastecimento com acordos explícitos, o que lhes permitiu repartir mercados, fixar preços internacionais e discriminar operadores externos ao cartel.

O domínio político do “Norte” sobre as regiões produtoras de petróleo, como sejam o Médio Oriente, a Indonésia ou a América Latina, facilitou as actividades das companhias petrolíferas.

Os governos dos países desenvolvidos proporcionaram um ambiente político e militar favorável e apoiaram activamente as companhias petrolíferas detidas por nacionais dos respectivos países.

As “sete irmãs” controlaram o mercado durante os anos 1950 e 1960, sobretudo por terem conseguido manter os concorrentes fora do circuito e por terem organizado um conjunto de empreendimentos em cooperação: produção conjunta e acordos de fornecimento, propriedade conjunta de *pipelines* e, mesmo nalguns casos, comercialização conjunta fora dos EUA.

Finalmente, o domínio das “sete irmãs” recuou por força da intervenção política. Um exemplo extremo ocorreu no início dos anos 50, quando o governo iraniano quebrou um acordo com a BP e nacionalizou as acções da companhia no Irão.⁸ Em seguida, outros países produtores tomaram medidas idênticas terminando com o domínio absoluto do cartel.

Desagrados com os cortes nos preços durante os anos de 1959 e 1960, que lhes tinham reduzido tão significativamente as suas receitas, representantes de um grupo de cinco países de entre os maiores exportadores mundiais – Irão, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela – encontraram-se, em 1960, para discutir as reacções desencadeadas pelas companhias petrolíferas.⁹

⁷ Neste sentido, ver CALEIA RODRIGUES (2000: 101-102).

⁸ “(...) en 1951, le gouvernement du Dr Mossadegh, chef du Front national, fait voter à l'unanimité par le Parlement iranien la nationalisation des avoirs de l'Anglo-Iranian. L'Angleterre s'émue. Churchill menace l'Iran d'une intervention militaire. Londres saisit le Conseil de sécurité de l'ONU. Puis la tension retombe. A la suite d'une “révolte populaire”, montée en fait de toutes pièces par la CIA, en 1953, Mossadegh est destitué et emprisonné.” (MILZA, 2003: 41)

⁹ Neste sentido, ver CALEIA RODRIGUES (2000: 106-107).

⁵ Sobre o “Great Game”, ver KLARE (2001a).

⁶ Sobre a importância do petróleo no decurso da II Guerra Mundial, ver MILZA (2003: 40-41).

Nesta cimeira, os cinco países decidiram fundar a **Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)** com o objectivo de proteger os preços de comercialização do seu produto e as receitas respectivas.

Para os Estados do Médio Oriente, em particular, esta situação correspondia à sua própria independência. A OPEP foi fundada durante a era de Nasser, cujo principal objectivo era o de acabar com os constrangimentos do neocolonialismo do pós-guerra.

O objectivo imediato da OPEP, foi o de utilizando o poder negocial colectivo dos seus membros, forçar as companhias petrolíferas ocidentais a aceitar o aumento dos preços do petróleo, porém, como os mercados se encontravam saturados, a OPEP viu o seu sucesso muito limitado nos esforços dirigidos à mudança de atitude e de políticas das companhias petrolíferas.

Como o petróleo se tinha tornado a principal fonte de energia mundial e os fornecimentos dos Estados Unidos diminuiam, as economias de mercado desenvolvidas foram-se tornando cada vez mais dependentes do petróleo importado. Nestas circunstâncias de crescente dependência, a gradual reestruturação da extracção petrolífera começou a ganhar forma.

Apesar destas alterações, o mundo não estava preparado para a decisão dos países árabes de recorrerem à “arma-petróleo” como um instrumento de diplomacia.

Em plena Guerra israelo-árabe de 1973 (*Yom Kippur*), os EUA envolveram-se numa ponte aérea de ajuda militar a Israel. A Arábia Saudita respondeu a esta acção, declarando um embargo a todos os embarques de petróleo para os Estados Unidos, Países Baixos (importância estratégica do porto de Amesterdão como redistribuidor europeu de combustível) e Portugal (a base das Lajes era o principal ponto de abastecimento americano no fornecimento de armas).¹⁰

Estes anúncios causaram o pânico e a confusão nos países desenvolvidos. Começou uma escalada de procura de petróleo não-árabe e os preços reflectiram-se em alta, dando origem ao primeiro “Choque Petrolífero”.

Em Março de 1974, o embargo aos fornecimentos de petróleo foi levantado, o rei da Arábia Saudita e o presidente do Egipto, prevaleceram sobre os países árabes exportadores de petróleo ao conseguirem fazer terminar os cinco meses de embargo “como testemunho de boa vontade dos árabes” para com o ocidente, apesar de os israelitas não terem saído de nenhum dos territórios árabes ocupados e dos direitos do povo palestiniano não terem sido restaurados.

Em Janeiro de 1979, a queda do Xá da Pérsia conduziu ao segundo “Choque Petrolífero”.

¹⁰ Sobre o impacto da “crise petrolífera” de 1973, nos países desenvolvidos da Europa Ocidental e da América do Norte, ver CALEIA RODRIGUES (2000: 115-116).

Após a instalação de um regime islamista no Irão em 1979, os EUA, tacticamente apoiaram a guerra Irão-Iraque (1980-88), com Saddam Hussein a fazer de “tampão” ao fundamentalismo islâmico.

Contudo, quando Saddam teve a “ousadia” de invadir o Kuwait a 2 de Agosto de 1990, perdeu o “estado de graça” junto dos norte-americanos. E, a intervenção dos EUA (e das Nações Unidas) não foi tanto pela invasão do Kuwait, mas pela ameaça que o Iraque representava para o país com maiores reservas de petróleo, a Arábia Saudita.

A invasão do Afeganistão em 2001, se bem que motivada pela captura do “rosto” dos atentados de 11 de Setembro, Bin Laden, teve também outros motivos de alcance geopolítico e geoestratégico mais vastos.

Neste sentido, Michael Klare afirmou acerca do recente conflito no Afeganistão: *“The geopolitical dimensions of the war are somewhat hard to discern because the fighting is taking place in Afghanistan (...) But this is deceptive, because the true centre of the conflict is Saudi Arabia, not Afghanistan (...) because Bin Laden’s ultimate objectives include the imposition of a new Saudi government, which in turn would control the single most valuable geopolitical prize of the earth: Saudi Arabia’s vast oil deposits (...)”* (KLARE, 2001 b)

Por outro lado, não podemos deixar de levar em linha de conta que é na encruzilhada entre a Rússia, o Irão e as várias ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central, na bacia do Mar Cáspio, que se situa a segunda maior reserva mundial de petróleo e de gás natural do mundo. Se bem que o Afeganistão não possui nenhum desses recursos, os *pipelines* e gasodutos com destino aos portos do Paquistão têm de passar pelo seu território.

Neste sentido, o factor mais significativo nos conflitos regionais da Ásia Central é o aparecimento de uma nova luta de poder entre os Estados Unidos e a Rússia (uma espécie de “*Great Game II*”), onde cada país procura ganhar vantagem económica e estratégica ao explorar os recursos energéticos do Mar Cáspio. (KLARE, 2001 a: 89)

Por um lado, Washington esforça-se por reduzir a influência do peso dos países produtores de petróleo do Médio Oriente, diversificando as suas fontes de financiamento. Por outro lado, a Rússia procura reforçar a sua posição fazendo “jogo duplo”, isto é, cooperando quer com o maior consumidor mundial (EUA), quer com o maior produtor mundial (Arábia Saudita). Esta posição de força de Moscovo é tanto maior quanto 30% das reservas mundiais de gás natural estão localizadas no seu território. Hoje em dia, o gás natural representa 24% do consumo mundial de energia (37% para o petróleo).

A última Guerra do Iraque teve por detrás motivos de alcance político, económico e estratégico. Também nesta guerra, um dos objectivos principais foi controlar o petróleo da Arábia Saudita.

Bibliografia:

- CALEIA RODRIGUES, J. (2000) A Geopolítica do Petróleo: anatomia dos Conflitos. Diplomacias, Seguranças, Soberanias, Atelier de Livros, Lisboa.
- CHAUPRADE, A. (2003) "États-Unis, Russie, Chine: Guerre pour le pétrole!", in *Histoire* n.º 279 Setembro 2003, pp. 56-59.
- FIK, T.J. (2000) *The Geography of Economic Development – Regional Changes, Global Challenges*, McGraw-Hill.
- FISHER, J.S. (ed.) (1995) *Geography & Development – A World Regional Approach*, Prentice Hall, New Jersey.
- KLARE, M.T. (2001a) *Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict*, Metropolitan Books, New York.
- KLARE, M.T. (2001b) "The Geopolitics of War", in *The Nation* 11/5/2001 (Disponível em: http://www.hempfarm.org/Papers/Geopolitics_of_war.html).
- MARSELLE, J. (2003) "D'où vient la crise économique", in *Histoire* n.º 279 Setembro 2003, pp. 50-53.
- MILZA, P. (2003) "Le siècle de l'or noir", in *L'Histoire* n.º 279 Setembro 2003, pp. 36-46.
- NDIAYE, P. (2003) "L'empire des Rockefeller", in *Histoire* n.º 279 Setembro 2003, pp. 48-49.

Fontes estatísticas na *Internet*:

<http://www.bp.com/subsection.do?categoryId=10104&contentId=2015020>: BP (*Beyond Petroleum*) – *Statistical Review downloads*.